

Ensino de Geografia e cidade: Construindo uma “cidade ideal” com o conhecimento dos alunos.

Felipe de Souza Ramão¹

i

Resumo:

Pensar sobre cidade em Geografia refere a várias possibilidades. É possível imaginar a estrutura física, o relevo ou as construções, mas, é, também, possível imaginar a economia, a sociedade, a política... Obviamente, os múltiplos fatores estão conectados, e aparecem misturados no espaço geográfico. Este artigo quer mostrar uma diferente possibilidade para o Ensino de Geografia, promovendo o estudante como o centro do processo de aprendizagem, a partir de uma atividade de formulação e construção de uma cidade ideal. Esta cidade ideal é a mistura da geografia científica e as experiências dos alunos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, cidade e aprendizagem.

Abstract:

Think about City in the Geography refers a lot of possibilities. Can be possible imagine the physical structures, the relief or the buildings, but, is too possible imagine the economic, the society, the politic... Obviously, the multiple factors are connected, and appear mixed in geography space. This article wants to show a different possibility for geography teaching, promoting the student as center in the learning process, from an activity of formulation and building of the ideal city. This ideal city is a mixed of scientific geography and the students experience.

Key words: Geography Teaching, city and learning.

Introdução

A cidade é um tema bastante abordado no Ensino de Geografia, está imbricado desde as séries iniciais até o último ano do Ensino Médio, e, é abordado de diferentes formas, intensidades, perspectivas e escalas; considerando a produção de diferentes lugares da cidade, suas principais características (físicas e humanas), os processos urbanos de segregação, além de outros fatores materiais/imateriais referente ao modo de vida urbano.

Grande parte do conteúdo de cidade em Geografia é trabalhado a partir dos exemplos das grandes cidades – das metrópoles brasileiras, dos grandes centros urbanos do mundo, das chamadas cidades globais; o urbano muitas vezes em oposição ao rural e sinônimo de desenvolvimento, em uma visão mais tradicional; e, através de processos de urbanização distintos entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Quase sempre, o estudo da cidade no Ensino de Geografia, principalmente se considerarmos os livros didáticos, não faz o aluno

pensar sobre a cidade dele, sobre os particulares processos e problemas do seu espaço urbano, sobretudo, em formas de amenizar/solucionar esses problemas, ou sobre a sua vivência, sua “experiência geográfica”(CAVALCANTI 2008) e sua prática espacial (LACOSTE 2008). É preciso ter consciência das diferentes espacialidades, que irão contribuir para diferentes olhares, como o olhar de um aluno da metrópole, de um aluno de uma cidade pequena, também contando com a sua condição financeira, entre outros pontos, nesse caso, trata-se de um trabalho aplicado a uma realidade específica da cidade de Cabo Frio – interior do estado do Rio de Janeiro, com alunos de escolas públicas e privadas.

A intenção desse trabalho é pensar, introdutoriamente, novas formas de abordagem do tema cidade, que ultrapasse os limites das práticas mais tradicionais, que não enxergue a cidade somente a partir das grandes cidades e do olhar das classes dominantes, todavia, buscando o olhar do aluno dentro da atmosfera urbana, de contradições, de processos dominantes, de exclusão, de movimentos subversivos, e, que essa visão possa guiar a Geografia da cidade na sala de aula. Assim, foi pensada uma forma de estabelecer uma conexão entre o conteúdo abordado e fixado no livro didático com o *conhecimento prévio do aluno*, culminando em uma atividade prática.

Pensa-se na construção desse trabalho, em uma ideia de Geografia que parte da compreensão de uma ciência vinculada ao espaço, e, ainda, como uma ciência que está preocupada com o movimento, que seja, sobretudo, uma Geografia Ativa, da relação da sociedade com o meio, como salienta George (1970). Com uma Geografia Crítica (ressaltada por Lacoste 2008, Santos 2008, MOREIRA 1982, entre outros), mas que essa crítica não seja proposta de forma unilateral, não resida na ideia de restringir todos os aspectos às questões socioeconômicas, e, sim funcione como um dispositivo democrático, inclusive na forma de pensar e responder, evitando as inócuas “respostas prontas e homogêneas”, que não só estão presentes na Geografia dita “tradicional”.

Compreende-se que buscar uma Geografia com mais crítica é também pensar além do conteúdo, mas na sua forma de apresentação, ou seja, em novas formas metodológicas, que, sobretudo, altere e reconstrua o “cenário de ensino-aprendizagem”, reposicionando o professor e o aluno e reestabelecendo os papéis e lugares, inclusive das ferramentas do processo ensino-aprendizagem. Assim, o aluno deverá construir o seu pensamento “crítico” e não reproduzir o pensamento “crítico” do professor.

A partir desse raciocínio, propõe-se uma forma de compreensão da cidade calcada nos princípios do socioconstrutivismo de Vygotsky, explorando a leitura geográfica de Lana de Souza Cavalcanti, que faz uma interessante e importante contribuição, e, que mostra, por exemplo, o:

“Encontro/confronto da geografia cotidiana, da dimensão do espaço vivido pelos alunos, com a dimensão da geografia científica, do espaço concebido por esta ciência, que se tem a possibilidade de reelaboração e maior compreensão do espaço vivido”. (CAVALCANTI 2008 p. 141)

Logo, reposicionar o cenário de aprendizagem, significa alterar uma estrutura estipulada muitas vezes, a partir, do professor detentor do conhecimento, do aluno receptáculo e reproduzidor de informações, para um

cenário que compreende o aluno como sujeito do processo de construção do conhecimento e do professor mediador. Dessa forma, o mais importante não é o aluno, como se afirma no senso comum, o mais importante é a construção do conhecimento, e, a solidificação e o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

A falta de compreensão do que é Geografia e a necessidade de uma reflexão teórica e metodológica.

A Ciência Geográfica tem como princípio o estudo da relação entre a sociedade e natureza, que produz o espaço, objeto central. Essa forma de pensar nem sempre foi unânime na Geografia, ou, quando adotada, sofreu intensas variações no que se diz respeito ao caminho percorrido, ou seja, aos aspectos metodológicos.

Como salienta Lana Cavalcanti, as diferenças entre ciência e ensino residem nas atribuições e funções de cada uma (CAVALCANTI 2008), ou seja, não deve existir hierarquia, ou subordinação do ensino em relação à ciência, e a divisão de ciência e ensino não é uma estipulação de duas “Geografias”, mas, sobretudo, dois caminhos, com alguns objetivos distintos.

É visível a compreensão inequívoca de alguns setores da Geografia que separam o pesquisador do professor, que dão importância à ciência e não ao ensino; dicotomias que avançam em relação às múltiplas divisões da Geografia, presentes desde a ideia de ciência corográfica, e, atualmente presente na dicotomia Geografia Física e Humana, e, no modelo N-H-E, denunciado por Ruy Moreira (2006), que demonstra uma divisão dos livros didáticos de Geografia, em uma parte que discute a natureza sem o homem, em uma segunda parte que discute o homem sem a natureza, chamado de “homem atópico”, e da economia, que aborda a questão dos sistemas econômicos, não relacionando o homem e a natureza. (MOREIRA 2006)

Portanto, é preciso contemplar uma reflexão do que é geografia e dos aspectos geográficos da cidade, para, posteriormente, refletir como a questão da cidade pode ser abordada de uma forma alternativa no Ensino de Geografia.

Couto 2011, utiliza-se de Saviani 1984, para demonstrar como novas formas metodológicas podem ser introduzidas no ensino:

Os passos iniciais propostos por Saviani (1984) são o conhecimento da práxis social dos estudantes e a sua problematização. Assim, o ponto de partida da prática pedagógica não é nem a preparação dos alunos cuja iniciativa seja a do professor e nem apenas a atividade que seja iniciativa exclusiva dos alunos (SAVIANI, 1984 apud COUTO 2011 p. 2).

Posteriormente, Couto 2011, estabelece a ideia de prática espacial (a partir, principalmente, de Lacoste 1988 e Moreira 2010 apud Couto 2011), exatamente, a contribuição geográfica ao novo tipo de metodologia:

Para os professores de geografia é necessário problematizar a práxis social dos estudantes em termos de suas implicações espaciais, de suas características geográficas; o que permite a seleção de conteúdos e conceitos a serem ensinados. Daí a proposta de analisar a práxis social

através da visualização das práticas espaciais e da consciência geográfica nela imbricada. (COUTO 2011 p. 2)

Dessa forma, busca-se criar concepções de cidade, que podem surgir de uma discussão, da leitura, da reflexão, mas que sempre serão visões particulares, contribuindo para a autonomia do pensamento, e, validando a heterogeneidade de pensamentos possíveis em uma sala de aula. E, a partir do confronto, da complementariedade, da problematização, entre outros processos, os alunos poderão construir noções sobre os conteúdos geográficos.

A Geografia tem um grande álibi em trabalhar com as experiências dos alunos, ou melhor, as experiências espaciais dos alunos, por se tratar de estar presente no cotidiano, de diversas formas, e, assim, apresentar muitas vezes um grande significado e reconhecimento pelos alunos (de símbolos, processos, etc).

Por fazer parte do cotidiano, a geografia é uma forma de saber que goza de muita popularidade. Isto decorre da presença dos mapas, do contato com as paisagens, e das práticas espaciais, isto é, do *“fato de que todo dia fazemos nosso percurso geográfico, de casa para o trabalho, do trabalho para a escola, da escola para o trabalho, pondo a geografia na própria intimidade das nossas condições de existência”* (Moreira: 2010 apud COUTO 2011 p.3).

Todavia, estabelecer um contato com a realidade do aluno nem sempre pode ser uma tarefa fácil, pois, junta-se a teoria com a prática de ensino, sendo refletidas assim a formação, a pesquisa, o embasamento teórico, questões epistemológicas da Geografia, entre outros fatores de um quadro geral e específico. Nestor Kaercher salienta sobre a dificuldade de implementação e de compreensão de propostas que desestruturam o cenário formal do processo ensino-aprendizagem, indicando que *“os professores de Geografia estão, no caso, frágeis epistemologicamente”* (KAERCHER 2007 p.28). Além disso, o mesmo autor salienta que:

Muitos dos professores de Geografia têm uma epistemologia/teoria da Geografia frágil e uma condução/concepção pedagógica que confunde o construtivismo com o laissez-faire. Isso resulta numa visão de Geografia como sinônimo de informações soltas. (KAERCHER 2007 P. 28)

É importante conceber que há uma base teórica que alicerça o socioconstrutivismo, e, que essas práticas precisam ser devidamente planejadas e arquitetadas pelo professor, que precisa igualmente utilizar suas práticas espaciais e seu conhecimento geográfico para criar formas de aprendizagem que busquem a compreensão do espaço da cidade, para pesquisar sobre reflexões dos problemas locais, entre outros dispositivos, que auxiliaram nessa construção de uma outra abordagem geográfica da cidade na sala de aula.

A cidade ideal é uma cidade utópica? Pensando em uma proposta de atividade.

Segundo Lefebvre:

“Apenas hoje é que começamos a aprender a especificidade da cidade (dos fenômenos urbanos). A cidade sempre teve relações com a sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados etc), com sua história. Portanto, ela muda quando muda a sociedade no seu conjunto.” (LEFEBVRE 2011 p. 51)

A “cidade ideal” deve ser condizente com o raciocínio exposto anteriormente, ou seja, ela se modifica com as transformações humanas, de forma mais geral, tendo consciência das suas múltiplas intensidades, sobretudo, com os diferentes agentes que modelam e ditam o ritmo das transformações, respeitando as relações de poder e de afetividade.

Pensa-se que construir concepções de cidades e de urbano na sala de aula, é possibilitar ao aluno esse exercício, logo, há possíveis formas dessa prática. Pode-se oferecer como um caminho a construção de uma cidade ideal pelos alunos, uma forma de atividade paralela ao conteúdo de urbanização, que, por sinal, será deveras importante para criar consistência na argumentação e na construção da cidade.

A proposta é trabalhar em grupos durante todo o processo, exatamente para estimular o confronto de ideias, exatamente, o que ocorre na construção de qualquer cidade. Logo, pensa-se que a atividade poderá oferecer através da noção de cidade e de uma cidade ideal dos alunos, uma possibilidade de interlocução de concepções. Assim, promover-se-á o debate para concatenar as ideias e construir uma cidade, com seus fatores físicos e humanos, com suas características materiais e imateriais, e, principalmente, com os desejos dos alunos e com as concepções de características de uma cidade ideal, que poderá ser realidade de uma cidade ou parte da imaginação.

Busca-se utilizar as práticas espaciais dos alunos, que notavelmente irão condicionar a uma série de raciocínios sobre: qualidades, imperfeições, desejos, características marcantes, soluções para problemas urbanos, símbolos, marcas, entre outros fatores do espaço urbano, que serão próximos ou distantes, dispensáveis ou indispensáveis na construção da “cidade ideal” pelos alunos. Essas ideias serão cimentadas por debates, construção de materiais, cartazes, mapas de localização da cidade; recheados por informações do espaço físico, das características sociais, culturais, políticas, ambientais, entre outras.

Essa atividade prescinde fundamentalmente da intensa articulação do conteúdo científico (e das ferramentas, como o livro didático, os textos, pesquisas etc) com a vivência do aluno, assim, espera-se oferecer um frutífero trabalho de congregação, de desconstrução e de síntese. Não se oferece a atividade detalhada, por pensar na inexistência de fórmulas mágicas, solucionadoras de alguma incompatibilidade ou de algum hiato do processo de aprendizagem, inclusive não se propõe o ano/série, pela divergência de currículos e planejamentos, porém, o objetivo que calça esse artigo é ilustrar uma

possibilidade oportuna de se trabalhar o conteúdo cidade no Ensino de Geografia de forma socioconstrutivista, almejando uma aprendizagem que tenha um significado e uma representatividade para o educando, que busque o que Lana Cavalcanti tem trabalhado atualmente, que é a cidadania crítica (CAVALCANTI 2008).

Esse trabalho foi realizado nos últimos dois anos no 2º ano do Ensino Médio de uma escola particular de Cabo Frio, cidade do interior do Rio de Janeiro, e, aconteceu aliado ao conteúdo de urbanização, traçado no planejamento como conteúdo do 1º bimestre.

O conteúdo de urbanização foi trabalhado a partir de uma visão de construção do espaço urbano no tempo, recorrendo desde a criação das primeiras cidades, que tinha como característica geográfica a sua localização ao lado dos rios, passando pelos processos da cidade comercial, da cidade industrial, da cidade no capitalismo financeiro, compartilhando de toda a densidade do processo, no sentido temporal, técnico e de espacialização. Além disso, busca-se uma relação multiescalar das cidades, partindo de exemplos próximos, como a cidade do aluno, e relacionando todo momento com os exemplos mais gerais e dominantes, e, vice-versa, em uma forma de jogo entre o local e global, utilizando-se das experiências locais e muitas vezes globais dos alunos, já que nem sempre o próximo, no seu sentido afetivo, é o próximo referente à localização espacial.

Assim, o projeto foi lançado desde o início do ano, e, trabalhado sistematicamente aliado a cada parte do conteúdo, para construir, paulatinamente, o conhecimento de cidade em Geografia e as possibilidades da “cidade ideal”. Concomitantemente, outras noções e concepções foram introduzidas, para cimentar o conteúdo e alimentar reflexões do projeto, como as discussões sobre: setores da economia, cidadania, agentes modeladores, liberdade, desigualdade, democracia, entre outros pontos que são refletidos no espaço urbano.

Como o projeto foi pensado baseado no planejamento, durante os outros bimestres foi possível adicionar mais pontos e reflexões a cidade ideal, a partir de novos elementos dos conteúdos dos bimestres ulteriores. Além disso, há uma grande possibilidade de integração do projeto com outras disciplinas, no entanto, no caso específico não foi realizado por se acreditar que um projeto com cunho “multidisciplinar” deve ser pensado em conjunto, atendendo as especificidades das disciplinas envolvidas, o que não foi feito, todavia, será um desafio para a próxima realização do projeto de construção de uma “cidade ideal”.

Considerações Finais

É visível o grande interesse dos alunos pela ideia de construir o conhecimento, é uma forma de saber original e significativo, pois é algo próximo, reflexo das inquietações e pensamentos, distanciando-se de exercícios de memorização, como salienta Lacoste “da Geografia simplória e enfadonha” (LACOSTE 2008).

A construção de uma cidade ideal possibilitou nessas duas “edições” de projeto uma pluralidade de trabalhos e de ideias diversas de cidade, ora aliadas a uma vontade social, de trazer mais igualdade à população, ora com interesses

econômicos, na criação de uma cidade turística (influência da Região dos Lagos – região de turismo, e local de moradia dos alunos), de uma cidade ecológica, com toda uma infraestrutura e atividades econômicas pensadas a partir da conservação do meio ambiente, e, até mesmo de uma cidade universitária.

Mais do que um trabalho de compilação de pesquisas, o projeto buscou alternativas originais e visões bem particulares dos alunos, que mostrassem o que é mais importante em uma cidade, e, o que muitas vezes deveria ter na cidade em que o aluno vive. Obviamente, que o conteúdo de cidade e do processo de urbanização simbolizou uma grande aliança e um calço para o projeto, e, que as pesquisas foram fundamentais para a descoberta de realidades de todo o mundo, respeitando cada linha de pensamento estipulada pelos construtores do projeto.

Acima de tudo, construir uma cidade simboliza a complexidade, a complementariedade do espaço urbano, e o desafio de gestão de uma cidade, tarefa extremamente difícil, visto os diversos problemas, contradições e processos, que muitas vezes, estão relacionados a uma dinâmica regional, nacional ou global.

O projeto tem se modificado nesses dois anos, exatamente pela realidade das turmas, e, agora tem de a se expandir para uma escola de ensino público, que poderá mostrar outros raciocínios e outras cidades pela experiência de alunos com outras realidades.

Como já dito, o projeto é apenas um indicativo da necessidade de se trabalhar de novas formas no Ensino de Geografia, refletindo sobre a teoria e o método, sobretudo, valorizando o pensamento autônomo do aluno e todo o seu rico conhecimento, travestido, erroneamente, em alguns momentos, como senso comum, e/ou desvalorizado como um conhecimento não-científico.

Observa-se hoje uma intensa banalização de ideias, como: cidadania, conservação e preservação do ambiente, ética e moral, que são, sobretudo, vinculadas como responsabilidades da escola e do professor de se trabalhar, algumas previstas como temas transversais, ou seja, responsabilidade de todas as disciplinas, e, que na prática, é visível a falta de profundidade e artificialidade das abordagens.

O trabalho posto como proposta não pretende aniquilar as mazelas do Ensino de Geografia, não funciona como uma panaceia, nem possui essa pretensão, no entanto, pode ser uma excelente ferramenta de experimentação desses “termos” tão deslocados da vida do aluno, em certos momentos, dando sentido, valor e ligação do conteúdo geográfico e do cotidiano do aluno, dando, inclusive, respaldo para esse, em discussões sobre a cidade em que vive.

Notas

¹ ⁱ Licenciado em Geografia – FERLAGOS – Cabo Frio. Especialista em Ensino de Geografia – UERJ FFP. Cursando Especialização em Educação Ambiental – IFF Cabo Frio. Professor Substituto do Curso de Licenciatura em Geografia – FERLAGOS – Cabo Frio. Professor da Escola Estadual Aspino Rocha, SEEDUC – Cabo Frio – RJ. Coordenador de Geografia da Rede Municipal de São Pedro da Aldeia – RJ.

Referência Bibliográfica

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e Práticas de Ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus, 1998.

_____. A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, Sp: Papirus, 2008.

COUTO, Marcos Antônio Campos. Ensino de Geografia: Abordagem Histórico-crítica. Revista Tamoios, julho/dezembro – Ano V, nº 2, 2009.

GEORGE, P. (org) Geografia Ativa. São ~Paulo, Difusão Europeia do Livro, 5º edição, 1970.

HARVEY, D. O Novo Imperialismo. São Paulo, Brasil Edições Loyola. 2003

KAERCHER, Nestor André. A Geografia Escolar: Gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? Revista Terra Livre, Presidente Prudente, Ano 23, v. 1, n. 28, 2007.

LACOSTE, Y. A geografia - Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer a Guerra. São Paulo: Papirus, (14º edição). 2008.

LEFEBVRE, Henry. O direito à cidade. São Paulo: Editora Centauro, 3º reimpressão 2011.

MELO, Marcos Vinicius N. de. A Ideologia do Desenvolvimento Sustentável, na Prática do Ensino de Geografia no Ensino Médio, 2010. Monografia (Graduação em Geografia)– ISE, Faculdade da Região dos Lagos (FERLAGOS), Cabo Frio / 2010.

MOREIRA, R. Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica. Editora Contexto. São Paulo, 2006.

_____. Pensar e ser em Geografia. Editora Contexto, São Paulo, 2007.

_____. A geografia serve para desvendar máscaras sociais In: MOREIRA, R. (org) Geografia: Teoria e Crítica – o saber posto em questão. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 1982.

OLIVEIRA, L.D. ; RAMAO, F. S. ; MELO, M.V.N. de. Desenvolvimento sustentável: Reflexões sobre sua prática no ensino da geografia . 11º ENPEG – Encontro Nacional de Práticas e Ensino de Geografia – UFG – Goiânia, 2011.

RAMÃO, Felipe de Souza. A Incorporação do Discurso do Desenvolvimento Sustentável no Ensino de Geografia, 2010. Monografia (Pós-Graduação em Educação Básica – Modalidade: Ensino de Geografia), UERJ – FFP, São Gonçalo / RJ, 2010.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 18 Ed. Rio de Janeiro: Editora Record. 2009.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (org) A Geografia na sala de aula. 8ª edição, Editora Contexto, 2008.